

RETRATOS DE UMA ÉPOCA: MEMÓRIAS DE MARTA, DE JULIA LOPES DE ALMEIDA

Alexandra Santos Pinheiro¹

Sumaia Calderão da Silva²

Resumo: Neste texto, analisamos a obra *Memórias de Marta*, de Julia Lopes de Almeida, publicado na seção Folhetim da *Tribuna Liberal* do Rio de Janeiro em 1888, e, posteriormente, em livro pela Livraria Francesa e Estrangeira Truchy - Leroy - Paris. Considerado uma denúncia de um período histórico marcado, principalmente, pela desigualdade social, a autora deixa impresso o seu ponto de vista em relação à sociedade brasileira do século XIX. A narrativa, sendo memorialística, recupera momentos da trajetória da infância à morte da mãe da protagonista e narradora. Neste processo, uma Marta mais velha e amadurecida pelos acontecimentos da vida rememora a criança e a jovem que foi um dia. Sob a luz dos estudos de Hannah Arendt (1979) e Guacira Lopes Louro (2002), dentre outros, exploramos conceitos que trazem à tona um cenário de luta por uma sociedade mais igualitária.

Palavras-chave: Julia Lopes. Memórias. Denúncia

PORTRAITS OF AN SEASON: *MEMÓRIAS DE MARTA*, BY JULIA LOPES DE ALMEIDA

Abstract: In this text, we analyze the work *Memórias de Marta*, by Julia Lopes de Almeida, published in the Folhetim section of the *Tribuna Liberal* do Rio de Janeiro in 1888, and later in a book by the French and Foreign Bookstore Truchy - Leroy - Paris. Considered as a denunciation of a historical period marked mainly by social inequality, the author leaves her point of view in relation to the Brazilian society of the nineteenth century. The narrative, being memorialistic, recovers moments of the trajectory of the childhood to the death of the mother of the protagonist and narrator. In this process, an older Marta matured by the events of life recalls the child and the young woman who once was. In the light of the studies of Hannah Arendt (1979) and Guacira Lopes Louro (2002), among others, we explore concepts that bring to the surface a scenario of struggle for a more egalitarian society.

Keywords: Julia Lopes. Memoirs. Complaint

¹ Professora do curso de Letras – Faculdade de Comunicação, Artes e Letras/ FACALE, UFGD, Dourados, Brasil. E-mail: alexandrapinheiro@ufgd.edu.br

² Bolsista CNPq, UFGD, Dourados, Brasil. E-mail: sumaiagc@gmail.com

Palavras iniciais

A escrita é fundamental para relatar, expor, contrapor, investigar e memorizar. Antes dela, todas essas ações eram realizadas a partir da fala. As histórias eram contadas oralmente, assim, a memória tinha um papel fundamental. Era ela que transformava o mortal em imortal. Pessoas, fatos ou lembranças passavam de geração em geração, numa constante recuperação da origem de cada comunidade. Sendo oral ou escrita, a memória seria uma dádiva que permite aos seres ter a consciência de prever, antecipar e mudar acontecimentos. Ela conta uma história, e esta história salva os feitos humanos do esquecimento. Em consonância a este pensamento, destaca Cardoso: “cada época tem determinadas perguntas ao seu passado - perguntas que refletem os problemas e perplexidades em que o presente se debate” (CARDOSO, 1988, p.109).

O tempo não pode ser reconstruído ou anulado, mas, a partir da escrita, tornou-se possível registrar as ações humanas, provocando, conseqüentemente, mudanças no futuro. Esse novo e mais potente mecanismo não fez com que a memória deixasse de ser essencialmente necessária, por outro lado, contribuiu para que houvesse uma garantia ilusória da eternidade:

O temor ao esquecimento gera a obsessão pelo registro, pelo registro, pelos traços, arquivos, museus, cemitérios, coleções, festas, comemorações, aniversários, tratados, processos verbais, monumentos - santuários, associações; processos que dão ilusões de eternidade. (NORA, 1993, p.13)

A afirmação de Nora nos leva a pensar que o homem, sendo mortal, tenta assegurar que não será esquecido. A morte, portanto, seria a motivação para que se procure formas de imortalizar seus feitos, e “se os mortais conseguissem dotar suas obras, feitos e palavras de alguma permanência, e impedir sua perecibilidade, então essas coisas ao menos em certa medida entrariam no mundo da

eternidade” (ARENDRT, 1979, p.72). Nas duas posições antagônicas destacadas por Arendt, o perecível e o eterno, encontramos a síntese do que representa a memória para a humanidade.

No entanto, é preciso lembrar que, no mundo da eternidade, não existe apenas a memória, uma vez que o processo memorialístico também se configura como um campo propício a manipulações. A memória irá trabalhar com um caráter seletivo, articulando-se com a imaginação, fantasia. O ato de rememorar também constrói e reconstrói. As lacunas do passado serão preenchidas por novas imagens, e nem sempre andarão lado a lado com a verdade. As memórias serão transformadas em história, e “a história é análise, é crítica, é vida que flui e muda de acordo com as necessidades sociais, econômicas do presente e as aspirações e esperanças do futuro” (RODRIGUES, 1980, p. 220). Por este viés, a literatura passa a assumir um papel muito importante dentro da história. Se torna um suporte para eternizar as diferentes visões de mundo que o homem apresentou em cada tempo e espaço.

Nesse sentido, em tempos contraditórios, onde o acesso da mulher à leitura e à escrita era restrito, Julia Lopes de Almeida conseguiu transpor obstáculos que, durante muito tempo, serviram como fronteiras proibidas do saber e da criação. Destacou-se como escritora em sua época, compondo uma vida de vasta produção literária e obtendo grande importância para a literatura brasileira. Demonstrava pensar a literatura como um produto estético, e não determinado pelo meio. Sua atuação chamou a atenção da crítica, transformando-se em uma das primeiras mulheres a escrever para jornais, como *Jornal do Comércio* (1827), *Gazeta de Notícias* (1875) e *O País* (1884). Neste último, manteve a crônica semanal “*Dois dedos de Prosa*” por mais de trinta anos. Nascida no Rio de Janeiro, no dia 24 de setembro de 1862, morreu em 30 de maio de 1934, aos 72 anos, após sua ida à África, onde foi contaminada por malária. É

originária de uma família abastada (filha de Valentim José da Silveira Lopes e de Antônia Adelina Pere) e de participação nos círculos intelectuais do Rio de Janeiro. Casou-se com Filinto de Almeida, e teve dois filhos, Afonso e Albano.

O romance analisado neste artigo, *Memórias de Marta*, primeiro romance publicado pela escritora, recupera momentos da infância à morte da mãe da protagonista e narradora. Neste processo, uma Marta mais velha e amadurecida pelos acontecimentos da vida rememora a criança e a jovem que ela um dia foi. Ambientada no final do século XIX, essas memórias, ao recompor os acontecimentos de sua vida, permitem que o leitor crie um painel acerca das relações de classe e de gênero existentes na época. Nesta obra, a memória individual figurada pode implicar em uma reflexão da memória coletiva da sociedade brasileira no período ficcionalizado, ou seja, a ficção encena o passado histórico. A narrativa é uma elaboração do passado, por meio da memória, como defende Stübe: “Ao (re)contar, o enunciador (re)cria sua história e sua memória, (re)cria outros sentidos para si e para a língua” (2011, p. 38) e complementa:

a memória é alinear, atemporal, não cronológica e totalmente associativa, isto é, realizada por associações múltiplas e simultâneas, de cunho inconsciente, através de traços constantemente (re)configurados. Há, então, uma ligação estreita entre memória e esquecimento. Esquecimento, aqui, está designando o que não foi sabido, mas toca o sujeito, um saber de cunho inconsciente (STÜBE, 2011, p. 38).

Entre memória e esquecimento, a narrativa vai se construindo, criando forma, e aproximando-nos da história: “A memória só existe ao lado do esquecimento: pois um complementa e alimenta o outro, um é o fundo sobre o qual o outro se inscreve” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 53). A história visita e revisita a memória, fazendo dela um instrumento de verificação, e esta, sendo uma habilidade cognitiva, está sujeita a falhas,

redefinições e reformulações. Julia Lopes de Almeida nos envolve em uma trama em que é possível acompanhar a protagonista em suas diversas vivências e fases, mas que descortina outras personagens, no jogo contínuo entre memória individual e memória coletiva³:

O mundo de cada um é limitado pelo que abrangem os raios da sua capacidade visual ou pelo que lhe sugere a sua imaginação. Esta em mim sempre foi de fôlego curto, assim como o meu círculo social muito restrito. Uma e outra coisa tornaram-me como que medrosa de mim mesma. Não tendo sabido viver; sinto entretanto um prazer confuso em reviver, em levantar os meus mortos, pôr-me a olhar para eles, e colher aqui e além, nos frangalhos da memória, a expressão fugidia de certas paisagens e de certos seres (ALMEIDA, 2007, p. 5).

Como afirmamos anteriormente, o processo de rememorar, na obra *As memórias de Marta*, é realizado por uma mulher adulta, professora, casada com o Miranda, um homem a quem não ama, mas que é bom, amável e respeitoso. Por este ponto de vista, ela reconstrói as imagens do que viveu no cortiço e da relação com a mãe. As cenas mostram uma Marta, criança e jovem, inconformada com a nova realidade que passa a ter após a morte do pai: “Não posso acompanhar o movimento da transição da nossa vida na Cidade Nova, para a outra que iniciamos num modesto cortiço da rua de S. Cristovam” (ALMEIDA, 2007, p.10-11). A vida em um lar sem dificuldades financeiras muda com a morte do pai, quando passam a depender do trabalho árduo de sua mãe, que engomava dia e noite para as ricas famílias da cidade.

Ao recuperar as imagens do cortiço de São Cristóvão, a memorialista faz emergir, também, a

3 Tendo em vista a memória coletiva, não podemos deixar de citar Halbwachs (1990). Em *A memória coletiva* destaca as lembranças como um reconhecimento e uma reconstrução. Reconhecimento porque existe o “sentimento do já visto”. E a reconstrução, que busca recuperar estes acontecimentos e vivências diante de um contexto de prioridades e interesses atuais. Dessa forma, a memória coletiva vem desse reconhecimento e reconstrução que atualiza os quadros sociais, articulando entre si as lembranças que permanecem intactas.

vida miserável de seus vizinhos, o confronto de sua realidade com as posses das filhas das mulheres para quem a sua mãe lavava e passava. Com a dedicação da mãe, ela conseguia ir sobrevivendo todos os dias nesse ambiente de tristeza, porém, demonstrando que não era o suficiente. Queria mais. Queria uma vida fora do cortiço: “Porque não teria eu igual direito a possuir tudo [...] sem pedir ou aceitar esmolas?” (ALMEIDA, 2007, p.21). Era uma situação que, para uma criança de oito anos, que já havia experimentado algo melhor, era inconsolável.

Em um dia comum de trabalho, foi decidido, por influência de uma das freguesas de sua mãe, que a pequena seria matriculada em uma escola pública. A partir desse gesto, é possível constatar que a vida dela foi levada para um novo rumo, começou a sentir orgulho se si “[...] fazia-me orgulhosa, superior!” (ALMEIDA, 2007, p.25). Com isso, ela conheceu um novo modo de vida, aquele que envolvia o dinheiro e, conseqüentemente, o luxo.

Embora tenha se formado e alcançado sair do cortiço, sua narrativa ainda é marcada por um sentimento de humilhação, que parece não ter sido superado: “A minha nevrose, a minha dôr de viver, de ser feia, de ser pobre, de ser triste, durou ainda muito tempo; e creio que não se extinguiu absolutamente...” (ALMEIDA, 2007, p.135). Porém, sem esses sentimentos, e a ajuda que recebeu da professora dentro da escola, seu destino poderia ter sido o mesmo que o de sua mãe. A vontade de superar essa situação trouxe a ela uma esperança renovadora: “Esforcei-me por estudar matérias novas. Devia em breve decidir-se a minha sorte como professora; aproximava-se o tempo do concurso” (ALMEIDA, 2007, p.135).

Por várias vezes, a mãe de Marta tentou lhe ensinar os afazeres domésticos, pois deveria pensar em um sustento caso ela faltasse. Mas a filha sempre se opunha, seu interesse se concentrava, especificamente, nos livros e no espaço escolar,

ali ela encontrava o conforto e se sentia realmente segura. Esse esforço e a boa formação lhe rendeu uma cadeira como professora na escola. A conquista da filha não eliminou a preocupação da mãe em relação ao casamento. Ela precisava se casar, pois “a reputação da mulher é essencialmente melindrosa. Como o cristal puro, o mínimo sôpro a enturva” (ALMEIDA, 2007, p. 142-143) ou, senão, os observadores “Usam-se estereótipos para designá-las e qualificá-las (PERROT, 2013, p.21). Percebemos, assim, que a liberdade de escolha, ainda que se tratasse de uma mulher financeiramente independente, era atravessada por padrões esperados para a época. Carole Pateman (1993) lembra que

No estado natural ‘todos os homens nascem livres’ e são iguais entre si, são ‘indivíduos’. [...] Mas as mulheres não nascem livres, elas não têm liberdade natural. [...] A diferença sexual é uma diferença política; a diferença sexual é a diferença entre liberdade e sujeição. (PATEMAN, 1993, p. 21)

Marta deseja essa liberdade impossível e não consegue compartilhar com a mãe a ideia do casamento. Ela já havia conseguido alcançar uma posição independente, não precisava do apoio financeiro de ninguém. Depois de sua desilusão amorosa com Luis, sobrinho de sua professora, seu coração tinha se fechado para o amor. Mas quem estava falando de amor, afinal? A reputação da mulher dependia do casamento, o amor poderia vir de “brinde”, não era o essencial. Ela entendia que mesmo não concordando com a ideia, sua mãe tinha razão. Essa seria uma chance para que conquistasse o seu lugar na sociedade, além disso, refletiu: “meu casamento seria uma vingança para os ultrajes que a minha imaginação de moça recebera sempre” (ALMEIDA, 2007, p. 144).

Dessa forma, aceitou o pedido de Miranda, um vizinho e antigo cliente de sua mãe, que, para ela, representava mais uma figura paterna do que um homem a quem “deveria” amar como marido:

“Havia alguma coisa de paternal nos seus olhos, uma expressão de lealdade, de doçura que inspirava confiança e tranquilidade” (ALMEIDA, 2007, p. 146). Após seu casamento, sua mãe adoece gravemente, e oito dias depois falece, fato que mostra o quanto sua progenitora dependia da estabilidade de sua filha para, finalmente, descansar. Com a morte de seu porto seguro se encerram as suas memórias. A última imagem dada ao leitor é a da protagonista ajoelhada aos pés de seu leito de morte, ao lado do marido, rezando uma Ave Maria.

No tópico a seguir, buscamos comparar essas memórias ao que nos é oferecido atualmente, criando uma linha cronológica das transformações sociais e educacionais entre o final do século XIX e começo do século XX, até os dias atuais do século XXI. Naquele contexto, encontramos a situação de uma escola oferecida para a minoria afortunada, contrapondo com a situação atual, no qual o direito à educação é oferecido a todos, e, ainda, defendido por lei. Destacamos também, a partir da análise da obra, como Julia Lopes de Almeida demonstrava uma preocupação com o lugar da mulher naquela sociedade patriarcal, e se dedicava em escrever sobre o assunto, tendo um envolvimento profundo com as suas personagens. Na obra *Memórias de Marta* usou de suas próprias experiências para denunciar um período histórico marcado por lutas e sofrimentos, permitindo visualizar a desigualdade social que vigorava no século XIX.

Retratos de infâncias a partir das memórias de Marta

“Na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma”, já dizia Antoine Lavoisier no século XVIII, e, ainda hoje, em pleno século XXI, continua sendo um discurso atual. A transformação

social e educacional que frequentemente é oferecida pela escola merece uma atenção especial, porque, de diferentes maneiras, dialoga com *As memórias de Marta*. A sociedade, sem dúvida, se transforma ao longo da história e é preciso seguir essas novas transformações que, conseqüentemente, acompanham as mudanças sociais. Maria Elizabete Xavier (1994) constata que a instituição escolar reflete a reorganização social ao longo da história, e que suas prioridades vão se adequando de acordo com as necessidades exigidas: “antes da chegada dos europeus na América, havia no Brasil uma população num estágio cultural do qual não faziam parte da leitura e a escrita; no qual, portanto, não saber ler e escrever não constituía problema” (XAVIER, 1994, p. 14), porém, após tantos anos, em pleno século XXI:

Esse saber passa a ser algo cada vez mais necessário a partir do momento em que a escrita é criada e que uma determinada população se introduz num ambiente cultural onde a escrita, portanto o ler e o escrever, constitui-se em um importante canal de comunicação entre pessoas. (XAVIER, 1994, p. 148)

É com esse intuito que a instituição escolar aparece, suprimindo as necessidades educacionais de crianças, de jovens e de adultos. Nesse ambiente, aprendem com profissionais habilitados a ensinar. É uma obrigação e direito defendido pela Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, Art. 53, do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA): “A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho” (Jusbrasil, acesso em: 06 de abril, 2019).

É possível entender que para frequentar uma escola, atualmente, não existe impecílios, ao contrário, é direito e dever. Em sua obra, entretanto, Julia Lopes de Almeida apresenta uma realidade

totalmente diferente. Marta, ao ser matriculada na escola pública, é incentivada por sua mãe a dividir com as vizinhas a notícia:

Tendo-me matriculado na escola pública da freguesia, minha mãe mandou-me participar o caso às vizinhas. Para festeja o acontecimento, Carolina tirou do seu baú de folha um embrulhinho de papel de seda e ofereceu-mo [...]. No dia seguinte ela e os irmãos foram à porta ver-me com o meu vestido encarnado, a caminho da aula. (ALMEIDA, 2007, p. 25)

Frequentar a escola era um privilégio para uma minoria, e uma minoria afortunada. Quando alguém da classe mais pobre conseguia essa oportunidade, era um acontecimento, algo para comemorar. Ela se sentia orgulhosa por estar indo à escola. Seus vizinhos e companheiros de miséria queriam acompanhar esse progresso, mesmo com a consciência de que essa realidade não caberia na vida deles. Na década de 1920, segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas), o direito ao aprendizado era negado a muitos brasileiros. Eram quase 12 milhões de pessoas com mais de 15 anos fora da escola. E, em 1960, esse número aumentava para 16 milhões (IBGE: www.ibge.gov.br, acesso em: 28 de maio de 2019).

A escola atendia apenas a quem não trabalhava, ou seja, uma minoria. Dermeval Saviani (1996) comenta que é possível estabelecer “uma nítida divisão, entre elite e massa, reservando às elites o monopólio das virtudes necessárias para dirigir, e assegurando às massas apenas o direito de realizar seu destino de massas” (SAVIANI, 1996, pg. 228). A parcela maior de crianças colocavam as obrigações com a casa em primeiro plano, exatamente por ser uma questão de sobrevivência. Consequentemente, a escola sempre seria uma segunda opção. Philippe Ariès (1978) afirma que “Toda complexidade da vida foi modificada pelas diferenças do tratamento escolar da criança burguesa e da criança do povo” (ARIÈS, 1981, p. 129). Os vizinhos de Marta: Carolina, Manéco e

Rita, sendo tão pobres quanto ela, se dedicavam, apenas a ajudar a mãe, Ilhoa. A Carolina era a mais velha, e assumia, tão nova, as obrigações de casa:

[...] Carolina trabalhava. A pobre sofria calada as rebentinas da mãe, estava sempre magra, espigada, e no seu rosto oval e sardento, os olhos claros derramavam uma tristeza impressionadora. Era a doença, era o cansaço, porque ela, estupidificada pelo meio, nem tinha consciência do sofrimento... (ALMEIDA, 2007, p.32)

Os estudos de Perrot (2013) nos permite compreender melhor a vida de Carolina. De acordo com a historiadora, as jovens da classe popular eram postas para trabalhar muito cedo, normalmente em serviços domésticos. Por ser natural que os serviços domésticos fossem realizados pelas jovens da casa, Carolina nunca obteve o reconhecimento de sua mãe, pois, apenas, estava seguindo o que era imposto na época. Ela já era vista como uma mulher, sua inocência de criança havia se perdido. A jovem era generosa e comprometida em aliviar as dores de sua mãe, que não reconhecia os esforços da filha.

Em uma das memórias, Marta se recorda do dia em que Carolina apanhou porque deu a ela um pouco de carne:

Um dia ela notou que eu tinha fome e deu-me um bocado de carne. Minha mãe andava por fora na sua lida e eu consolava-me roendo alegremente a minha fatia de assado quando a ilhoa chegou.

– Quem te deu isso? – perguntou-me.

Eu tinha a boca cheia e não pude responder.

A Carolina disse sem titubear, como toda a sua costumada serenidade, que tinha sido ela...

A mãe enfureceu-se e bateu-lhe. Embora chorando, a Carolina afirmava que o quinhão que me dera era o seu, só o seu; que ela não tinha vontade de jantar...

– Não me importa, continuava a enraivecida mulher, bato-te para que saibas que não se mexe na comida sem minha licença! (ALMEIDA, 2007, p. 16)

O irmão de Carolina, Manéco, representa um outro tipo de criança miserável, sem perspectiva.

Por influência de um vendeiro da esquina, começou a beber, e rapidamente tornou-se alcoólico, o que ocasionou a sua morte prematura. É importante ressaltar que ele era uma criança de apenas dez anos. A escola na vida dele poderia ter sido um divisor de águas. A memorialista o descreve como um menino “magro, orelhudo e pálido; cheirava sempre a cachaça e vivia fumando as pontas de cigarros encontradas no chão. [...]. Quando ria mostrava as gengivas arroxadas, como se estivessem cozidas pelo álcool [...]” (ALMEIDA, 2007, p.23).

Nas memórias, a família da amiga Carolina é a representação das misérias que cercavam o cortiço e demonstram o quanto era difícil superar a pobreza que imperava naquele espaço. A vida das crianças do seu bairro é contraposta à das que eram filhas das freguesas de sua mãe, sendo Lucinda uma delas. Em um dia no qual sua mãe não tinha com quem deixá-la, foi necessário que fosse junto à casa de uma das freguesas, ocasião em que Marta conheceu Lucinda, e, com o encontro, um novo sentimento surgiu em seu coração: “Mas o drama sensacional estava todo êle encaixado no vão de uma janela, onde uma menina da minha idade se ocupava em vestir a sua boneca com vestidos de seda. Fizeram-me sentar a seu lado e espirar o veneno da inveja pela primeira vez” (ALMEIDA, 2007, p.18).

Lucinda não se satisfazia em mostrar os objetos que estavam fora da realidade da pequena, queria expor que era superior, queria humilhá-la, mostrar a diferença gritante entre as duas. Nesse dia, Marta perdeu a inocência que nutria sua alma, e sofreu calada:

Acabada a música conduziu-me para a frente do espelho, um grande espelho que vinha do teto ao chão. Olhou bem para si e mediu-me depois a imagem reflectida a seu lado, de alto a baixo.

Compreendi a minha fealdade pela primeira vez. Que diferença entre nós duas!

Ela, muito corada, olhos brilhantes de alegria e de orgulho, o vestido claro, curto, as meias esticadas por cima dos joelhos... Eu, pálida, o cabelo muito liso, feito em uma trança apertada, as pernas magras, as meias de algodão engilhadas, o vestido de lã côr de havana, comprido e esgarçado; os sapatos cambaios...

A pequena compreendeu-me e demorou-se maldosamente a confrontar-me com altivez. Eu sentia-me humilhada e com vontade de chorar (ALMEIDA, 2007, p.19)

Diante da vida pobre que a protagonista tinha, episódios como esses seriam frequentes, mas o que a tornava especial era a determinação que crescera junto de si durante tantos anos. Seria apenas essa determinação necessária para mudar a realidade tão dura da época ou precisava contar com a sorte e os esforços feitos por sua mãe? A sorte em sua vida tinha nome: D. Aninha. Foi sua professora, mentora e amiga da época escolar.

Mais uma vez D. Aninha veio em meu socorro. Levou-me consigo a passeios; deu-me vidros de tónicos; aconselhou-se pela minha carreira. Incutiu-me coragem. Senti que a sua amizade por mim crescia com a convivência e que seu interesse era menos piedoso do que sincero (ALMEIDA, 2007, p. 66)

Sem essa ajuda, Marta estaria destinada ao fracasso. A escola aparece como um ambiente para superar a miséria desde quando teve o privilégio de conseguir entrar. Ela agarra com força essa chance, e se esforça, com a ajuda da mãe, para permanecer nesse espaço de segregação social. Ao se identificar com a escola, percebe que ensinar pode ser uma

saída, senão a única, para dar um ponto final na sua pobreza. Mas teria ela outra chance, sendo que ser professora era uma das duas profissões permitida às mulheres? Guacira Lopes Louro (2002) aponta que: “O magistério era visto como uma extensão da maternidade, o destino primordial da mulher. Cada aluno ou aluna era representado como um filho ou filha espiritual e a docência como uma atividade de amor e doação à qual acorreriam jovens que tivessem vocação (LOURO, 2002, p. 451). Ainda, continua explicando

que a moça que se considerava *feia e retraída* percebia-se, de algum modo, como que *chamada* para o magistério. Essa *vocação* estaria justificada por uma lógica que se apoiava na compreensão social do magistério como função adequada para mulheres e na aproximação dessa função à maternidade. Assim, aquelas para quem a maternidade física parecia vedada estariam, de certa forma, *cumprindo* sua função feminina ao se tornarem, como professoras, *mães espirituais* de seus alunos e alunas. (LOURO, 2002, p. 465, grifo do autor)

Ela sempre se mostrou insatisfeita consigo mesmo, se martirizando por ser pobre e feia. Com uma profissão digna e estabilizada financeiramente, conseguiu superar, parcialmente, toda essa tragédia que foi sua infância e juventude. A escola foi o divisor de águas na sua vida: permitiu que superasse a miséria e desse a chance de sonhar com um futuro mais digno.

Importante lembrar dos seus vizinhos que não tiveram tanta sorte, e lembrar, também, de Lucinda, uma criança que tinha tudo que Marta nem podia imaginar que conseguiria conquistar um dia. Dois opostos. Contrapontos constantes que deixam a representação social desta época ainda mais viva. Comprovando que a memorialista ficou no meio termo. Foi a exceção da época. Uma raridade.

Revertendo a sorte profissional para as dificuldades no amor, o próximo tópico retrata os quão falho os relacionamentos podem ser

construídos, e a diferença que o amor verdadeiro e doador pode fazer na vida de alguém.

Retratos do amor a partir das memórias de Marta

O amor, seja consciente ou inconscientemente, está sempre presente na vida do ser humano. Talvez seja o sentimento que move o mundo, que faz com que as pessoas possam viver os momentos mais grandiosos e felizes da vida. Em uma escala de “bem-querer”, Mary Del Priore (2005) acrescenta que ele “deveria ser também bondade e caridade, despiando-se de toda lascívia” (DEL PRIORE, 2005, p.35). O amor pode se manifestar de diversas maneiras: entre casais, entre familiares, entre amigos, entre humanos e animais.

A narrativa de *Memórias de Marta* trata de dois tipos de amor bem específicos: o materno e o amor compartilhado entre casais. Encontramos uma mãe que faz de tudo, e não poupa esforços para proporcionar felicidade à sua filha, e, do outro lado, encontramos uma jovem que vê a possibilidade de um primeiro amor.

No processo de reorganizar as imagens do passado, ela se sente culpada por, muitas vezes, ter dificultado ainda mais a vida de sua mãe. Mostra-se imatura e egoísta, não enxergando o quanto sua mãe se sacrifica por ela. Reconhecemos um desses momentos quando, ao adoecer gravemente com difteria, sente-se no direito de exigir o impossível:

Julgava-me com direito a ter caprichos como as meninas ricas. Assaltavam-me saudades da Clara Silvestre, que não me visitava porque a mãe não permitia que ela entrasse num cortiço [...] Eu exigia impossíveis. Queria que minha mãe fizesse cessar as explosões da Pedreira de S. Diogo, cujo perfil víamos do cortiço e a que tomei uma birra inqualificável, ou que me levasse para a beira do mar, o que nas circunstâncias do momento era igualmente impossível... Um dia, de menores exigências, quis ver a boneca da Lucinda, cuja lembrança não sei porque me assaltara o espírito.

Minha mãe prometeu:

– Deixa estar... has-de ter uma boneca assim...
– Mas há-de ser já! [...]
– Não chores, que tornas a ficar pior... descansa, que hás de ter uma boneca muito linda... e marejavam-se-lhe os olhos de lágrimas. Eu a-pesar-de crescida não me envergonhava daquelas impertinências... (ALMEIDA, 2007, p.40-41)

Podemos verificar que a mãe está disposta a dar a boneca para Marta, mesmo que, claramente, não tenha condições, porque o que sempre vai importar é a felicidade da filha. Elizabeth Badinter (1985) explica que a maternidade pode ser associada aos “termos de sofrimento e de sacrifício, deixando-se, por lapso ou esquecimento voluntário, de prometer a felicidade que deveria ter sido a sua decorrência natural” (BADINTER, 1985, p. 267).

Além de todos os caprichos exigidos, ela precisava de remédios e uma boa alimentação, e isso só faz com que sua mãe prove ainda mais o amor que sente. Redobra o serviço, e nunca demonstra se importar se for para beneficiar a filha: “Restabeleci-me vagarosamente. Minha mãe redobrava de trabalho para pagar-me vinho fino e remédios caros. Era caprichosa, mas demoradíssima no serviço: faltavam-lhe as forças para sacudir o trabalho e desembaraçar-se depressa” (ALMEIDA, 2007, p.42). Para Elizabeth Giorgio (1991), as funções da maternidade se tornam uma missão, pois existe a necessidade do esquecimento de si mesma para o total comprometimento com o outro. A mãe, nessas condições, se torna uma santa:

Esse esquecimento de si eleva a boa mãe acima da condição humana, espontaneamente egoísta. Ela torna-se, portanto, uma santa, porque o esforço exigido é imenso. Mas, contrariamente às vocações religiosas, que são livres e voluntárias, a vocação materna é obrigatória [...] todas as mães têm a mesma missão: sacrificar sua vontade ou seu prazer para o bem da família. (GIORGIO, 1991, p. 271)

Em suas memórias, Marta reconhece a abnegação por parte de sua mãe, e sempre constrói imagens positivas dela já falecida, sendo assim, isso

só confirma o amor que existia. É possível afirmar, inclusive, que as memórias de Marta parecem estar comprometidas em narrar as memórias de sua própria mãe, quase como um pedido de desculpas de uma filha que só reconheceu os seus esforços no momento da perda: “Com que orgulho eu penso na desvelada solicitude que tem em geral a mulher brasileira para o filho amado! Não repudia nunca, trabalha ou morre por êle; coração cheio de amor [...]” (ALMEIDA, 2007, p. 137).

Se por um lado existe o amor de mãe que ultrapassa os limites do explicável, do outro, aparece o amor carnal entre um homem e uma mulher, aquele que faz com que a capacidade de raciocinar seja nula. Em uma viagemzinha de distração, Marta conhece um rapaz que chama a sua atenção: “Foi a primeira vez que senti uma simpatia súbita por alguém. Estava como que fascinada pela expressão daquele rapaz de olhos maliciosos e ternos, cabelo castanho, de largas ondas e mãos preguiçosas” (ALMEIDA, 2007, p. 97-98). Ela não sabia que era o começo de um sentimento, que até então, era desconhecido para ela.

O nome dele era Luís, e era primo de D. Aninha⁴. Era cheio de teorias idealizadoras, e, também, muito artificial e preguiçoso. A jovem já estava apaixonada para perceber que ele era interesseiro e procurava por um casamento que pudesse sustentar seus caprichos. Seus dias agora faziam sentido, estava sendo feliz:

Que dias aqueles para a minha alma triste!
Que dilúvio de promessas, que doçura de esperanças!
Outra expressão amenizava a minha fisionomia rebarbativa. Tornara-me expansiva, risonha, quebrara a minha mudez doentia; se não tivesse a quem, eu falaria aos passarinhos. (ALMEIDA, 2007, p.105)

A protagonista conheceu o verdadeiro Luis da pior forma. Em um dos passeios diários, se formou uma grande tempestade, e tiveram que

⁴ Professora e mentora de Marta. Uma senhora bondosa que fez a diferença, positivamente, na vida dela.

se esconder em uma cabana. Após um tempo, aguardando a passagem dos trovões e esperando que a chuva viesse, viram uma figura feminina atravessando a estrada, e o dono da cabana a convidou para se abrigar ali: “Era hóspede do hotel, rapariga nova, alta, bonita, rosto côr de leite e rosas, duma frescura encantadora, emoldurado pelos anéis sedosos do cabelo loiro; filha de um parálítico norte-americano, que não saía nunca e estava a ares no campo (ALMEIDA, 2007, p.109). Luís não disfarçou seu encantamento pela moça, e a partir daí toda a sua atenção era voltada a ela. Marta só percebeu ao ver os dois juntos:

Nesse embevecimento das coisas e dos sentimentos que me perturbava, eu fui-me aproximando do hotel, que dominava em cima a vastidão cheia de luz. Chegando junto ao portão entre-aberto, parei atônita, gelada, como se me tivessem vestido de neve.

Sentada num banco do jardim, muito perto do gradil da estrada, a filha do parálítico, com a cabecinha brilhando ao sol [...] Ele rodeava-lhe a cintura com o braço, numa intimidade que me encheu de espanto. Ouvi-lhes as vozes unidas como um murmúrio causado pela mesma quebra d’água ou a mesma ondulação da brisa.

Segurei-me aos varais de ferro para não cair, senti uma vertigem; respirava alto, escutando-lhes sem as entender, mas adivinhando-as claramente, de uma nitidez infernal, a suas expressões meigas e apaixonadas. (ALMEIDA, 2007, p.113-114)

Ela sofreu em silêncio a sua primeira desilusão amorosa. Martirizava-se por dentro, revoltada pela sua situação, sua fealdade. Revoltava-se com Deus por tanta injustiça e, em meio à sua tristeza, buscava compreender o porquê de Luis não a amar: “Como poderia êle amar uma rapariga sem graça, sem nome e pobre como eu, havendo criaturas como a filha do parálítico, tão ricas e formosas?” (ALMEIDA, 2007, p. 119). Mary Del Priore esclarece que para a sociedade daquela época “O recado era um só: a racionalidade devia marginalizar a paixão ou a atração física.” (DEL PRIORE, 2005, p. 27), portanto, o amor entre Luís e Marta já estava fadado ao fracasso desde o

começo, era como uma afronta aos padrões já pré-estabelecidos.

Ela não conseguia aceitar, totalmente, toda aquela situação terrível, e dentro do seu coração despedaçado, ainda havia uma chama de esperança: “esperava sempre o milagre” (ALMEIDA, 2007, p.119). Esperava que ele voltasse e realizasse as promessas feitas indiretamente, mesmo sabendo que era louca de ter acreditado nas palavras vagas daquele homem. Após todo esse acontecido com o Luís, aparece um novo homem na vida dela. Ele é um antigo freguês de sua mãe, agora vizinho, chamado Miranda. Um senhor bom, sério, delicado e trabalhador. Marta, ainda, idealiza que pode viver um romance, se apaixonar..., mas, quando Miranda pede sua mão em casamento, e sua mãe insiste que ela deve aceitar o pedido, seus sonhos devem ser esquecidos, para que, assim, consiga enfrentar essa dura realidade.

A insistência da mãe se fundamenta na premissa que a mulher precisa ter um homem ao seu lado: “O marido é uma dádiva de Deus que conduz a mulher, através do sacrifício, à santidade” (GIORGIO, 1991, p. 206). Sua mãe a coloca numa situação muito difícil de escolha. Está começando uma vida nova, tentando ter seu bem-estar financeiro, alcançando uma posição independente, quer ter suas próprias conquistas. Quando reflete com calma, resolve ceder. Principalmente, para assegurar sua segurança e estabilidade, que é o que sua mãe tanto desejava. Anthony Giddens aponta que:

O romance não era mais, como em geral havia sido antes, uma invocação de possibilidades especificamente reais em um reino de ficção. Em vez disso, converteu-se em uma via potencial para o controle do futuro, assim como uma forma de segurança psicológica (em princípio) para aqueles cujas vidas eram por ele afetadas (GIDDENS, 1993, p. 52).

Luis nunca foi esquecido. Era sua obsessão. Era seu desespero. Era o seu amor. Mas Miranda,

mesmo mais velho e sem existir amor carnal, oferecia um casamento estável. Ela se entregou à razão e guardou para si as emoções que, muitas vezes, tomaram conta de si.

PALAVRAS FINAIS

Julia Lopes de Almeida, desconhecida por muitos no século XXI, teve um papel fundamental nas discussões sociais dos séculos XIX e XX, e merece reconhecimento e discussões sobre sua vida e obra. É considerada uma das primeiras feministas do Brasil por muitos e, também, se destaca sendo aquela que contribuiu ativamente para a Fundação da Academia Brasileira de Letras, mas que foi impedida de tomar posse por ser mulher. Empenhou-se para cumprir os papéis socialmente destinados às mulheres da época e, ainda, criou formas de deixar um legado para as próximas gerações, adotando, em suas obras e ações diárias, uma postura que vai além dos limites de conduta esperados e permitidos para uma mulher. Sua ousadia fez com que representasse, brilhantemente, a sociedade brasileira em todos os seus romances.

A escolha desse romance não foi aleatória, pois, nele, Julia Lopes de Almeida permite identificar as condições da vida social brasileira da época. Com a obra, tivemos a sensação de ser a Julia mais jovem e vivenciar suas dores e lutas, além de, ao mesmo tempo, acompanhar as mudanças sociais por meio do seu relato histórico/memorialístico. Dessa forma, conhecemos, a partir da representação literária, uma faceta da população carente brasileira.

Abordamos dois temas que consideramos centrais na trama: a infância e os relacionamentos. Julia cria uma teia de complexas ligações, colocando Marta no centro de tudo. Encontramos a dificuldade da criança brasileira do século XIX e começo do século XX de conseguir estudar, tendo

que conciliar problemas financeiros e a necessidade de realizar os serviços domésticos, e, ainda, a forma como os relacionamentos de natureza amorosa se desenvolviam tendo que seguir padrões pré-estabelecidos.

A autora trabalha, principalmente, com o crescimento pessoal que a personagem adquire no decorrer dos acontecimentos. É um exemplo de superação, mas, no fim, foi obrigada a se moldar às condições já estabelecidas pela sociedade. A Escola e o casamento, portanto, são os dois temas que se sobressaem na obra, porque a partir do primeiro, Marta consegue sair do cortiço. Já o segundo lhe dá a estabilidade social. Ela luta e desafia tudo que é imposto para sua situação, tanto como mulher, quanto para sua condição financeira, porém se rende ao casamento, se transformando em um fantoche humano que precisa se adequar ao que é oferecido na época.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Memórias de Marta*. Pesquisa, organização, cronologia e introdução de Rosane Saint-Denis Salomoni. Florianópolis: Editora Mulheres, 2007.

ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Tradução: Dora Flaksman. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BADINTER, Elizabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CARDOSO, Ciro, F.S. *Uma nova história?* In: *Ensaio Racionalistas*. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

DEL PRIORE, Mary. *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2005.

- DEL PRIORE, Mary (org); BASSANEZI, Carla. (Coord. de textos). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2002.
- FÉLIX, Loiva Otero. *História e memória: a problemática da pesquisa*. Passo Fundo: Ediupf, 1998.
- GIORGIO, Michela de. *História das mulheres no Ocidente: o século XIX*. Porto: Afrontamento, 1991.
- LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- MAURICE, Halbwachs. *A memória coletiva*. São Paulo: Editora Revista Dos Tribunais LTDA, 1990.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Revista: Projeto História*. Tradução: Yara Aun Khoury. São Paulo. v. 10. dez., 1993.
- PATEMAN, Carole. *O contrato sexual*. Tradução: Marta Avancini. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
- PEREIRA, Danielle Cristina Mendes. *Literatura, lugar de memória*. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/16314>>. Acessado em: 16 de setembro, 2018.
- PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. Tradução: Angela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2013.
- RICœUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução: Alain François. Campinas, São Paulo: Editora Unicamp, 2007.
- RODRIGUES, José Honório. *A tradição, a memória e a história*. *Brasil Tempo e Cultura* 3. João Pessoa: Secretaria da Educação e Cultura Estado de Paraíba, 1980.
- SAVIANI, Dermeval. *Educação Brasileira: Estrutura e Sistema*. Campinas, São Paulo: Editora Autores Associados, 1996.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. *História, memória, literatura: O testemunho na era das catástrofes*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2003.
- SOUZA, Samantha. *Memórias de Marta. Uma narrativa ficcional de Júlia Lopes de Almeida*. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300894965_ARQUIVO_Anpuh2011.SOUZA,S.V.P.2.pdf>. Acessado em: 12 out. , 2018.
- SOUZA, Valério Parente. *Memórias de Marta: Júlia Lopes de Almeida, ficção e educação no romance*. Disponível em: <http://www2.dbd.pucrio.br/pergamum/tesesabertas/1011828_2012_completo.pdf>. Acessado em: 07 de novembro, 2018.
- STÜBE, Ângela Derlise. Imigração e Identidade: incidências na formação de professores. In: CAVALLARI, Juliana Santos; UYENO, Elzira Yoko. *Bilinguismos: Subjetivação e Identificações nas/pelas Línguas Maternas e Estrangeiras*. Coleção: Novas Perspectivas em Linguística Aplicada Vol. 9. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011. p. 33-53.
- Jusbrasil <<https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10611702/arti>>

Submissão: 09 de julho de 2019.

Aceite: 18 de outubro de 2019.